

Literatura
Colonial Brasileira:

Arcadismo (1768 – 1836)

Profa. Luana Lemos



RESUMO DA LITERATURA BRASILEIRA



Estilos de época na literatura brasileira

1500

Quinhentismo
Literatura de
informação

1601

Barroco

1768

Arcadismo

1836

Romantismo

Realismo
Naturalismo
Parnasianismo

1881

Simbolismo

1893

Pré-Modernismo

1902

Modernismo

1922

Modernismo

Arcadismo e Iluminismo



Voltaire, filósofo iluminista

As manifestações artísticas do século XVIII (Arcadismo ou Neoclassicismo) refletem a ideologia da classe aristocrática em decadência e da alta burguesia, insatisfeitas com o absolutismo real, com a pesada solenidade do Barroco, com as formas sociais de convivência rígidas, artificiais e complicadas.

As mudanças estéticas terão por base uma revolução filosófica: o Iluminismo. Em seu primeiro momento, os iluministas conciliarão os interesses da burguesia com certas parcelas da nobreza, através da celebração do despotismo esclarecido - valorizando reis e príncipes que se cercavam de sábios para gerir os negócios públicos. Mas o aspecto revolucionário do pensamento de Voltaire, Montesquieu, Diderot e outros é a afirmação de que todas as coisas podem ser compreendidas, resolvidas e decididas pelo poder da razão.

Arcadismo e Iluminismo



Montesquieu, filósofo iluminista

Os criadores do Iluminismo (ou Ilustração) já não aceitam o "direito divino dos reis", tampouco a fé cega nos mandatários da Igreja. Qualquer poder ou privilégio precisa ser submetido a uma análise racional. E agora é a razão (e não mais a crença religiosa) que aparece como sinônimo de verdade.

Por oposição ao século anterior, procura-se, no século XVIII, simplificar a arte. E esta simplificação se dará na pintura, na música, na literatura e na arquitetura pelo domínio da razão, pela imitação dos clássicos, pela aproximação com a natureza e pela valorização das atividades galantes dos frequentadores dos salões da nobreza europeia.



Na pintura e escultura:

Temas clássicos: romanos
ou gregos

Figuras vistas de longe

Expressões frias e neutras

Equilíbrio na distribuição
dos elementos



O rapto das Sabinas *O Rapto das Sabinas*, por Jacques
Louis David, 1796/99, óleo sobre tela, 330 X 425 cm

Arcadismo = Neoclassicismo

Na pintura e escultura:

Temas clássicos: romanos
ou gregos

Figuras vistas de longe

Expressões frias e neutras

Equilíbrio na distribuição
dos elementos



O rapto das Sabinas *O Rapto das Sabinas*, por Jacques
Louis David, 1796/99, óleo sobre tela, 330 X 425 cm

Arcadismo = Neoclassicismo



O nome dessa escola é uma referência à **Arcádia**, região bucólica do Peloponeso, na Grécia, tida como ideal de inspiração poética.

Frases-chave:

*Carpe diem
Tempus Fugere
Inutilia Truncat
Aurea Mediocritas
Urbem Fugere
Locus Amoenus*

Arcadismo: características

1) BUSCA DA SIMPLICIDADE

A fórmula básica do Arcadismo pode ser representada assim:

Verdade = Razão = Simplicidade

Mas se a simplicidade é a essência do movimento - ao avesso da confusão e do retorcimento barroco - como pode o artista ter certeza de que sua obra é integralmente simples? A saída está na imitação (que significa seguir modelos e não copiar), tanto da natureza quanto dos velhos clássicos.



Arcadismo: características

2) IMITAÇÃO DA NATUREZA

Ao contrário do Barroco, que é urbano, há no Arcadismo um retorno à ordem natural. Como na literatura clássica, a natureza adquire um sentido de simplicidade, harmonia e verdade. Cultua-se o "homem natural", isto é, o homem que "imita" a natureza em sua ordenação, em sua serenidade, em seu equilíbrio, e condena-se toda ousadia, extravagância, exacerbação das emoções.

O bucolismo (integração serena entre o indivíduo e a paisagem física) torna-se um imperativo social, e os neoclássicos retornam às fontes da antiguidade que definiam a poesia como cópia da natureza.



Literatura Pastoril:

O Arcadismo é uma festa campestre, representando a descuidada existência de pastores e pastoras na paz do campo, entre ovelhinhas. Porém, essa literatura pastoril não surge da vivência direta da natureza, ao contrário do que aconteceria com os artistas românticos, no século seguinte. Pode-se dizer que uma distância infinita separa os pastores reais dos "pastores" árcades. E que sua poesia campestre é meramente uma convenção, ou seja, uma espécie de modismo de época a que todo escritor deve se submeter. Sendo assim, estes campos, estes pastores e estes rebanhos são artificiais como aqueles cenários de papelão pintado que a gente vê no teatrinho infantil. Não devemos, pois, cobrar dos árcades realismo do cenário e sim atentar para os sentimentos e idéias que eles, porventura, expressem.

No exemplo abaixo, de Tomás Antônio Gonzaga, percebemos que o mundo pastoril é apenas um quadro para o poeta refletir sobre o sentido da natureza:

*Enquanto pasta alegre o manso gado,
minha bela Marília, nos sentemos
à sombra deste cedro levantado.
Um pouco meditemos
na regular beleza,
Que em tudo quanto vive nos descobre
A sábia natureza.*

Arcadismo: características

3) IMITAÇÃO DOS CLÁSSICOS

Processa-se um retorno ao universo de referências clássicas, que é proporcional à reação anti-barroca do movimento. O escritor árcade está preocupado em ser simples, racional, inteligível. E para atingir esses requisitos exige-se a imitação dos autores consagrados da Antiguidade, preferencialmente os pastoris. Diz um árcade português:

O poeta que não seguir os antigos, perderá de todo o caminho, e não poderá jamais alcançar aquela força, energia e majestade com quem nos retratam o formoso e angélico semblante da natureza.



Arcadismo: características

3) AUSÊNCIA DE SUBJETIVIDADE

A constante e obrigatória utilização de imagens clássicas tradicionais acaba sedimentando uma poesia despersonalizada. O escritor não anda com o próprio eu. Adota uma forma pastoril: Cláudio Manuel da Costa é Glauceste Saturnio, Tomás Antônio Gonzaga é Dirceu, Silva Alvarenga é Alcino Palmireno, Basílio da Gama é Temindo Sipílio. Quando o poeta declara seu amor à pastora, o faz de uma maneira elegante e discreta, exatamente porque as regras desse jogo exigem o respeito à etiqueta afetiva. Assim, o seu "amor" pode ser apenas um fingimento, um artifício de imagens repetitivas e banalizadas.



CONVENÇÕES ÁRCADAS

- *Inulitia Truncat* – (cortar o inútil): eliminar o exagero de figuras de linguagem barrocas.
- *Carpe Diem* (aproveite o dia): gozar os prazeres da vida aqui-agora.
- *Aurea Mediocritas* (a mediana é de ouro): valorização do equilíbrio, da sensatez.
- *Fugere Urbem* (fugir da cidade): a cidade é vista como um lugar da corrupção dos homens.

CONVENÇÕES ÁRCADAS

- *Tempus Fugit* (a fugacidade do tempo) muito ligado ao *carpe diem* e ao *fugere urbem*, mostra a necessidade de sair do caos da cidade e aproveitar a vida no campo, enquanto se é jovem, pois o tempo passa e não volta jamais.
- *Locus Amoenus* (lugar aprazível): viver em alegria e harmonia com a natureza.
- Bucolismo e pastoralismo.
- Paganismo: culto à mitologia clássica

OUTRAS CARACTERÍSTICAS

- Pseudônimos
- Valorização do saber e da cultura – perspectiva iluminista
- Imitação de modelos clássicos

Arcadismo no Brasil: Contexto

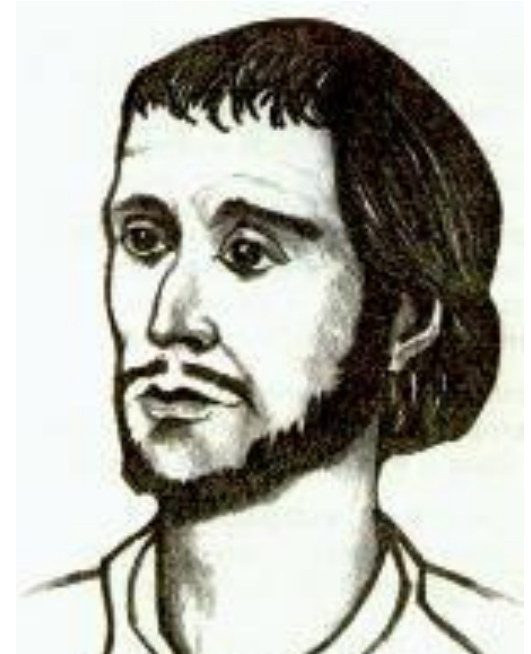
PALAVRAS-CHAVE:

- Marquês de Pombal: despota português.**
- Corrida do Ouro: Minas Gerais.**
- Tropeiros paulistas.**
- Vida urbana em Minas Gerais.**
- Integração de Nordeste, Sul e Sudeste.**
- Literatura com função social: saraus.**
- Expulsão dos Jesuítas.**
- Inconfidência Mineira.**
- TIRADENTES – mártir da Inconfidência Mineira – herói nacional.**

Arcadismo no Brasil: Autores

CLÁUDIO MANUEL DA COSTA (1729 - 1789)

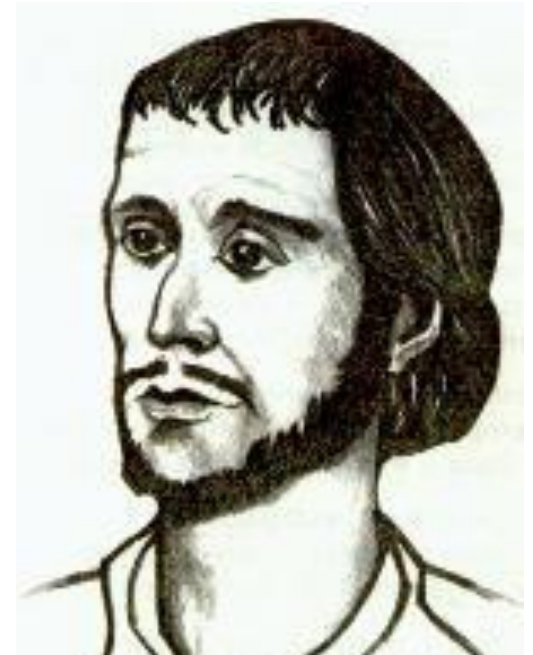
Nasceu em Mariana, filho de um rico minerador português. Estudou com os jesuítas no Rio de Janeiro e formou-se em Direito na cidade de Coimbra. Voltando para o Brasil, estabeleceu-se em Vila Rica, exercendo a advocacia. Ocupou altos cargos na máquina burocrática colonial. Quando foi preso por suposta participação na Inconfidência, pela qual manifestara vagas simpatias, era um dos homens mais ricos e poderosos da província. Deprimido e amedrontado, acabou suicidando-se na prisão.
Obras: Obras poéticas (1768), Vila Rica (1839)



Arcadismo no Brasil: Autores

Cláudio Manuel da Costa é um curioso caso de poeta de **transição**. Ele reconhece e admira os princípios estéticos do Arcadismo, aos quais pretende se filiar, mas não consegue vencer as fortes influências barrocas e camonianas que marcaram a sua juventude intelectual. Racionalmente um árcade, emotivamente um barroco, conforme ele mesmo confessa no prólogo de Obras poéticas

:
(...) Bastará para te satisfazer, o lembrar-te que a maior parte destas Obras foram compostas ou em Coimbra ou pouco depois (...) tempo em que Portugal apenas principiava a melhorar de gosto nas belas letras. É infelicidade confessar que vejo e aprovo o melhor, mas sigo o contrário na execução.



Soneto XXII

*Neste álamo sombrio, aonde a escura
Noite produz a imagem do segredo;
Em que apenas distingue o próprio medo
Do feio assombro a hórrida figura*

*Aqui, onde não geme, nem murmura
Zéfiro* brando em fúnebre arvoredos,
Sentado sobre o tosco de um penedo*
Chorava Fido a sua desventura.*

*Às lágrimas, a penha enternecida
Um rio fecundou, donde manava
D'ânsia mortal a cópia derretida;*

*A natureza em ambos se mudava;
Abalava-se a penha comovida;
Fido, estátua de dor, se congelava.*

*Álamo: árvore de grande porte *Penha: rocha
*Zéfiro: vento suave *Penedo: rocha do penhasco

Arcadismo no Brasil: Autores

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA (1744-1810)

Vida: Filho de um magistrado brasileiro, nasceu, no entanto, em Porto, Portugal. A família retornou ao Brasil quando o menino contava sete anos. Aqui estudou com os jesuítas, na cidade da Bahia. Com dezessete anos foi para Coimbra estudar Direito. Por algum tempo exerceu a profissão de advogado em terras portuguesas, mas em 1782 foi nomeado Ouvidor de Vila Rica, capital de Minas Gerais. Ocupou altos cargos jurídicos e em 1787 tratou casamento com Maria Joaquina Dorotéia de Seixas, a futura Marília dos poemas. Ele tinha mais de quarenta anos e ela era pouco mais do que uma adolescente. A detenção pelo envolvimento na Conjuração Mineira impediu o enlace. Ficou preso três anos numa prisão no Rio de Janeiro e depois foi condenado a dez anos de degredo em Moçambique. Lá se casou com a filha de um rico traficante de escravos e voltou a ocupar postos importantes na burocracia portuguesa. Morreu na África em 1810.

Obras: Marília de Dirceu (Parte I - 1792; Parte II - 1799; Parte III - 1812), Cartas Chilenas (1845)



As vinte e três liras iniciais de Marília de Dirceu são autobiográficas dentro dos limites que as regras árcades impõem à confissão pessoal, isto é, o EU não deve expor nada além do permitido pelas convenções da época. Assim um pastor (que é o poeta) celebra, em tom moderadamente apaixonado, as graças da pastora Marília, que conquistou o seu coração:

*Tu, Marília, agora vendo
Do Amor o lindo retrato
Contigo estarás dizendo
Que é este o retrato teu.
Sim, Marília, a cópia é tua,
Que Cupido é Deus suposto:
Se há Cupido, é só teu rosto
Que ele foi quem me venceu.*

O Desejo da Vida Comum ("Aurea Mediocritas")

Na verdade, o pastor Dirceu é um pacato funcionário público que sonha com a tranqüilidade do matrimônio, alheio a qualquer sobressalto, certo de que a domesticidade gratificará Marília. Por isso, ele trata de ressaltar a estabilidade de sua situação econômica:

*Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado;
De tosco trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal* e nele assisto;
Dá-me vinho, legume, frutas, azeite.
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!*

Desvios Sensuais

Estando ligado às concepções rígidas do Arcadismo, Tomás Antônio Gonzaga tende à generalização insossa dos sentimentos e ao amor comedido e discreto. Mas há vários momentos, em *Marília de Dirceu*, que indicam um desejo de confidência e onde aparecem atrevimentos eróticos surpreendentes. São momentos de emoção genuína: o poeta lembra que o tempo passa, que com os anos os corpos se entorpecem, e convoca Marília para o "carpe diem" renascentista:

Ornemos nossas testas com as flores,

*E façamos de feno um brando leito;
Prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
Gozemos do prazer de sãos Amores.
Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possam deter, o tempo corre;
E para nós o tempo, que se passa,
Também, Marília, morre.*

Arcadismo no Brasil: Autores

Cartas chilenas

Sob o pseudônimo de Critilo, Tomás Antônio Gonzaga ironiza nas Cartas chilenas a prepotência e os desmandos do governador Luís da Cunha Meneses, apelidado no texto de Fanfarrão Minésio. Ainda há algumas dúvidas a respeito da autoria desta obra satírica, mas todos os indícios apontam para o autor de Marília de Dirceu. O que já se tornou consenso é o caráter pessoal dos ataques, não havendo nenhuma insinuação nativista ou desejo de sublevação revolucionária nos mesmos.



Amigo Doroteu, prezado amigo,
Abre os olhos, boceja, estende os braços
E limpa das pestanas carregadas
O pegajoso humor, que o sono ajunta.
Critilo, o teu Critilo é quem te chama;
Ergue a cabeça da engomada fronha,
Acorda, se ouvir queres coisas raras.
"Que coisas (tu dirás), que coisas podes
Contar que valham tanto, quanto vale
Dormir a noite fria em mole cama,
Quando salta a saraiva nos telhados
E quando o sudoeste e outros ventos
Movem dos troncos os frondosos ramos?"
É doce este descanso, não to nego.

Tomás Antônio Gonzaga
Fez Marília de Dirceu
Cláudio Manuel da Costa
Vila Rica escreveu
São poetas do Arcadismo
Que em Minas Gerais nasceu

Arcadismo é campo, pastor, bucolismo
Mimese dos gregos, neoclassicismo
Arcadismo é campo, pastor, bucolismo
Mimese dos gregos, racionalismo

Grande Basílio da Gama
Escreveu O Uruguai
Frei Santa Rita Durão
Fez Caramuru, uai!
Lembre de Cartas Chilenas
Que traz críticas sociais

Arcadismo no Brasil: Autores

Basílio da Gama

O Uruguai



Arcadismo no Brasil: Autores

Frei José de Santa Rita Durão

Caramuru – imita Os Lusíadas

Conservadorismo

Visão do índio como mero objeto
de catequização

